

CHARGE SOBRE O DIA DO BEIJO: UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Dominique de Melo Franco CAMPELO

Mariana Briese da SILVA

Veridiane da Costa GOMES

Universidade Federal do Rio Grande

Resumo: Este texto parte de inquietações particulares, visto que os Gêneros dos Discurso, considerando a perspectiva bakhtiniana, são uma possibilidade de investigar o linguístico-discursivo, para além do dito e da estrutura da língua. A compreensão do gênero discursivo, neste trabalho, adota duas perspectivas: (i) os gêneros discursivos são dispositivos estáveis, visto que têm uma dada forma composicional; (ii) o tema do enunciado vai para além do dito, sendo responsável pela atribuição do sentido. Compreender e interpretar a charge que aqui vamos analisar somente se torna possível quando os interlocutores conhecem o atual cenário político-social e foram atravessados pelo discurso apresentado. A ADD considera que a interpretação se dá pela ida ao passado e ao futuro, recorrendo a toda a experiência do sujeito. É possível que, mesmo conhecendo tal cenário, os sentidos possíveis se deem de maneiras diversas, justamente pelo fato de termos um sujeito único e singular tanto enunciando como compreendendo. As vivências, experiências, ideologias, espaços, épocas, bagagens culturais contribuem para a constituição e atribuição de um dado sentido ao enunciado por parte do leitor.

Palavras-Chave: Bagagem cultural. Dialogismo. Gêneros. Singularidade. Vivência.

CARTOON ABOUT THE DAY OF THE KISS: A BAKHTINIAN PERSPECTIVE

Abstract: This text starts from particular inquietudes, since the Discourse Genres, considering the Bakhtinian perspective, are a possibility to investigate the linguistic-discursive, beyond what is said and the language structure. The understanding of the discourse genre, in this work, adopts two perspectives: (i) discourse genres are stable devices, since they have a given compositional form; (ii) the subject of the utterance goes beyond the said, being responsible for the attribution of meaning. Understanding and interpreting the cartoon we will analyze here only becomes possible when the interlocutors know the current social-political scenario and have been crossed by the presented discourse. AAD considers that interpretation happens by going to the past and to the future, resorting to the whole experience of the subject. It is possible that, even knowing this scenario, the possible meanings are given in different ways, precisely because we have a unique and singular subject both enunciating and understanding. The reader's experiences, ideologies, spaces, times, and cultural baggage contribute to the constitution and attribution of a given meaning to the enunciation.

Key-words: Cultural baggage. Dialogism. Genres. Singularity. Experience.

RESEUMECARICATURA SOBRE EL DÍA DEL BESO: UNA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Resumen: Este texto parte de inquietudes particulares, ya que los Géneros Discursivos, considerando la perspectiva bakhtiniana, son una posibilidad de investigar lo lingüístico-discursivo, más allá de lo dicho y de la estructura del lenguaje. La comprensión del género discursivo, en este trabajo, adopta dos perspectivas: (i) los géneros discursivos son dispositivos estables, ya que tienen una forma compositiva determinada; (ii) el sujeto de la enunciación va más allá de lo dicho, siendo responsable de la atribución de significado. La comprensión e interpretación de la carga que analizaremos aquí sólo se hace posible cuando los interlocutores conocen el escenario socio-político actual y fueron atravesados por el discurso presentado. La AAD considera que la interpretación se produce acudiendo al pasado y al futuro, recurriendo a toda la experiencia del sujeto. Es posible que, aun conociendo este escenario, los posibles significados se den de forma diferente, precisamente porque tenemos un único y singular sujeto enunciador y comprensivo. Las experiencias, las ideologías, los espacios, los tiempos, el bagaje cultural contribuyen a la constitución y atribución de un sentido determinado a la enunciación por parte del lector.

Palabras clave: Equipaje cultural. El diálogo. Géneros. Singularidad. Experiencia.

1. INTRODUÇÃO



Figura 1 - 6 DE JULHO, DIA INTERNACIONAL DO BEIJO

Fonte: Instagram (2021)

O presente artigo busca analisar uma charge do autor Alisson Affonso, a partir da Análise Dialógica do Discurso (ADD). O autor em questão é Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e produz quadrinhos e ilustrações para jornais, sendo estes de cunho crítico sobre diversos aspectos sócio-políticos. Esse posicionamento crítico, aplicado de forma tão artística, foi o que nos motivou a escolher esse artista em específico. Uma das maiores dificuldades encontradas por nós foi escolher, dentre os inúmeros trabalhos do ilustrador, apenas um para ser analisado. Decidimos então trazer uma charge bem atual, que foi publicada no próprio perfil de rede social do autor (*Facebook*), referente ao Dia Internacional do Beijo, em 06 de julho de 2021.

É considerando os Gêneros do Discurso como uma “atividade autoral de mobilização de recursos com vistas à realização de um dado projeto enunciativo de um locutor perante um dado interlocutor” que entendemos ser necessário examinar as fronteiras entre “o que se busca imprimir por parte do autor”, e a “recepção necessariamente valorativa, do interlocutor, ao dito” (SOBRAL, 2011, p.37).

Ao estabelecer uma fronteira entre o que se é dito pelo locutor e o que o interlocutor entende, estamos mobilizando nossas bagagens culturais, nossas vivências, a soma total de nossas experiências. Estamos nos colocando no mundo de maneira única e singular (BAKHTIN, 1997). Como um leitor, sujeito único e singular no mundo, realiza uma leitura também única e singular de uma imagem na vida? A concepção de cultura, considerando os postulados bakhtinianos, está intrinsecamente relacionada com a vivência no mundo da vida de fato vivida do sujeito.

No que diz respeito aos gêneros do discurso, Bakhtin (1997, p.280) explica que:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Os sentidos apenas são possíveis a partir de contextos específicos de cada enunciado e do olhar singular de cada sujeito para com este. Por isso os sentidos são inesgotáveis e podem

ser ampliados de acordo com o tempo-espaço. Um exemplo claro dessas percepções singulares é a forma como a palavra mesa se materializa de indivíduo para indivíduo.

Texto e discurso se diferenciam à medida que os enunciados criam sentidos variáveis, múltiplos e infinitos, fazendo com que as palavras sejam mais do que conceitos dicionarizados, mais do que o texto em si. O contexto diz respeito a um determinado momento, a um acontecimento único e singular, que também ocorre por meio de um locutor que fala para um interlocutor. A palavra dita não tem como ser cerceada por limites, uma vez que é a entonação valorativa que influencia a possível resposta ativa do sujeito, conforme postulado por Bakhtin (1997), num movimento de ir e vir.

Alguns possíveis parâmetros de análise do discurso são propostos por Sobral (2011): “analisar o tema, o estilo e a forma de composição, que são parte do aparato técnico da enunciação, não seu centro.” (p.38). O gênero discursivo vai para além de uma mera repetição de forma composicional: “Os gêneros se caracterizam (Bakhtin/Medvedev, 1991) como ideologia criadora de forma”. (SOBRAL, 2011, p.39). Gênero e ideologia estão associados, e todo enunciado se apresenta como parte de algum gênero, porque todos os enunciados possuem “uma forma relativamente estável não desatrelada de seu conteúdo”. (RODRIGUES & RANGEL, 2015, p. 1127). A partir dessa compreensão, pensar o gênero discursivo é indissociavelmente constatar o enunciado como um dispositivo que tece relações dialógicas com o contexto social de interação discursiva.

Ao selecionarmos uma charge como gênero para análise, a tomamos como um exemplo riquíssimo de elementos linguístico-discursivos de grande impacto crítico-social, especialmente nos meios digitais de comunicação. A charge é um gênero muito utilizado atualmente, estando presente na era digital. É a possibilidade de leitura rápida, fácil, de um enunciado muitas vezes carregado de humor sarcástico, que provoca o riso, com críticas tanto sociais como políticas. É geralmente utilizada como forma de mostrar criticamente um fato ou acontecimento na sociedade, dialogando de forma direta ou indireta com outros enunciados e possibilitando novos sentidos.

De acordo com a definição do Dicionário Oxford Languages (2021, online, s.p.) charge é um: “desenho humorístico, com ou sem legenda ou balão, ger. [geralmente] veiculado pela imprensa e tendo por tema algum acontecimento atual, que comporta crítica e focaliza, por meio

de caricatura, uma ou mais personagens envolvidas”. O entendimento dado pelo dicionário não contempla, naturalmente, “sua condição de prática social realizada por meio da linguagem, [que] mobiliza o texto a partir das condições das situações típicas de seu surgimento, produção, circulação e recepção.” (SOBRAL, 2011, p.42). Por isso, é necessário, que ao analisarmos qualquer gênero discursivo, façamos um recorte do momento político-social (o cronotopo e a memória) e do meio de circulação, a fim de garantir, ao nosso leitor, uma compreensão da posição enunciativa da charge em questão.

2. TEXTO E DISCURSO

Como mencionado anteriormente, partimos do princípio de que, para a análise dialógica do discurso, o que interessa é o discurso, e não a língua em si, mesmo que o discurso a utilize. Ou seja, o discurso vai para além do dito, além do texto. Onde este discurso foi publicado? Em que contexto? Em que momento? Em que local? Quem são os interlocutores? Quais as relações sociais envolvidas? Estes são encaminhamentos fundamentais para compreender a ADD.

Sabemos que, na Análise Dialógica do Discurso, o signo é ideológico, ou seja, possui um sentido valorativo que remete a algo que está fora dele mesmo. Ele é utilizado no discurso a partir de uma “dada posição social e histórica de um locutor diante de seu interlocutor. Não recebemos palavras neutras da língua, mas signos que vêm de pessoas reais e revelam uma valoração, ou avaliação, do que é dito”. (SOBRAL, 2016, p.8). É a partir da minha posição única e singular que revelo a minha avaliação e valoração daquilo que é dito. E aqui, vale destacar que, mesmo a charge tendo uma forma já determinada por uma convenção daquilo que entendemos por charge, daquilo que é típico deste gênero, o sentido que ela terá, para o leitor, não tem como ser previsível, uma vez que este sentido vem do acontecimento do ser e da experiência da vida dos envolvidos e seu contexto. Vejamos abaixo um exemplo claro de como a leitura de uma charge depende diretamente da bagagem cultural e das experiências singulares de sujeitos membros de uma coletividade:

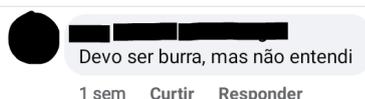


Figura 2 – Comentário realizado na postagem da charge do autor Alisson Affonso

Fonte: Facebook (2021)

Neste comentário, o que se observa é que a própria autora se intitula “burra”, de forma pejorativa, considerando que ela não entendeu o que a charge em questão sugere. Os elementos da charge certamente não causam nesse sujeito uma reação valorativa imediata que envolve uma relação entre o “falante-objeto-ouvinte” (SOBRAL, 2011, p.40) O sentido do enunciado dá-se pelas relações construídas entre o sujeito, o objeto e o interlocutor. Para essa enunciativa, a imagem pode (ou não) se resumir naquilo que está no enunciado visual: dois homens se beijando, enquanto um deles atira em um terceiro. E o que isso significa? Implica que é preciso algo mais do que esses dados: observar cores, instrumentos (armas), a camisa que um deles veste (representando a seleção brasileira), o fardamento, entre outros pontos que serão melhor debatidos a seguir. Sobral e Giacomelli (2016) entendem que: “Não há locutor que diga algo com total imparcialidade, porque dizer algo sempre parte da realidade da pessoa, de sua vida, de suas experiências, revelando a sua posição, tanto sobre um dado assunto como a posição que ela ocupa na coletividade”(p.1077). Não existe ser neutro. É preciso compreender a leitura para além do que é dito superficialmente. Será que a autora do comentário entende a imagem de forma superficial? Ou seja, será que ela apenas vê os elementos que estão ali representados, mas sem compreender a relação entre eles, ou ainda, a mensagem que esses elementos reunidos constituem.

Dessa forma, nenhum enunciado é neutro, uma vez que não é possível ser imparcial ao dizer algo, pois sempre partimos de uma realidade de vida, experiências, que é o que determina nossa posição no mundo, nossa visão não indiferente sobre um determinado assunto. Tudo o que é dito mostra de que lugar cada um fala. A ADD (BAKHTIN, 1997) afirma que todo enunciado revela a posição do locutor com relação ao interlocutor e ao tópico do qual trata, o que traduz uma avaliação ou valoração daquilo que cada um diz. E é extremamente interessante avaliar esse movimento, imaginemos que todas as palavras, independente do contexto, tivessem o mesmo valor, a nível de interpretação, para todas as pessoas. Inclusive ao interpretar uma imagem, como é o caso da charge. Suponhamos que, ao ver dois homens se beijando e, um deles atirando em um terceiro, todos imaginassem um caso de relação extraconjugal com um final trágico para o amante, por exemplo. Por isso, o contexto enunciativo e a resposta a todas ou a uma parte das perguntas acima são fundamentais no processo de construção da análise segundo a ADD.

O comentário do sujeito na figura 2, que dizia não entender, parece não lhe permitir pensar nessa proposta de interpretação que destacamos anteriormente, uma vez que embora

conheça Alisson Affonso como um crítico da sociedade política brasileira, o interlocutor diz não compreender o contexto de produção do enunciado. A produção do enunciado, do discurso, não está fincada na língua, mas na união de língua e contexto na interação. Como já observavam Bakhtin & Voloshinov (1988, p.9): “O signo e a situação social estão indissolúvelmente ligados. Ora, todo signo é ideológico. Os sistemas semióticos servem para exprimir a ideologia e são, portanto, modelados por ela”. Ou seja, a identidade social é modelada pelos valores axiológicos, em constante articulação com as práticas-ações, interações e relações sociais, mediante o signo e seu caráter ideológico.

Assim, ao usarmos a linguagem (verbal ou não verbal), em nossas práticas sociais, expressamos, em nossos discursos, nossas crenças, opiniões e interesses. O discurso também é modelado pela ideologia, expressando o tom volitivo do sujeito. É a partir desses elementos que Bakhtin (1997) nos explica a unicidade do sujeito, circunscrevendo o tempo e o espaço do sujeito em um dado acontecimento discursivo específico. Demonstramos, ao escolher essa charge para análise, o nosso cronotopo e memória enquanto autoras, isto porque demonstramos as nossas bagagens culturais, nossas experiências vividas. Bakhtin (2010) explicita que Cronotopo envolve as situações sociais de interação que são constituídas por uma instância definida de tempo e de espaço. Assim, o gênero do discurso e seu cronotopo são parte da compreensão das ações e dos eventos de determinada sociedade. Ou seja, diante de um enunciado, o sujeito poderá discordar ou concordar, dependendo da sua posição no mundo.

Bakhtin (2010) utiliza o termo Cronotopo para compreender as relações desenvolvidas nos gêneros, relações de tempo e espaço representadas nos textos literários, e na linguagem de forma geral, pois essas relações envolvem as situações sociais de interação. Assim, o gênero do discurso e seu cronotopo são parte da compreensão das ações e dos eventos de determinada sociedade. Ou seja, diante de um enunciado, o sujeito poderá discordar ou concordar, dependendo da sua posição no mundo, posição temporal, espacial e social. Dessa forma, observar as relações cronotópicas permite compreender a situação discursiva na qual os interlocutores estão inseridos.

Ora, se entendemos que o enunciado só surge de situações concretas, a partir de um dado lugar de fala, com um determinado objetivo, não podemos valorá-las em lugar dos outros. O valor da charge só pode ser identificado por aquele que o lê. É considerando essa discussão que compreendemos a proposta bakhtiniana de dialogismo. Destarte, podemos concluir que

“discurso envolve interação e não somente língua”. (SOBRAL E GIACOMELLI, 2011, p.1080) e que, por isso, cabe considerar a língua e o além da língua.

Sobral e Giacomelli (2016) afirmam que o enunciado, para a ADD, tem três componentes: “um componente ligado à referencialidade, um componente ligado à expressividade e um componente ligado à endereçabilidade.” (p.1080). Ou seja, o enunciado parte da referência que o sujeito tem/faz do objeto, de seu ponto de vista, dirigindo-se a um dado interlocutor. A ADD tem como base a compreensão da experiência vivida do sujeito, as várias possibilidades de relações entre quem fala/quem ouve e a experiência única e singular do ser. Destarte, tomamos as palavras de Medviédev (2016) para compreender que a realidade “desenvolve-se e origina-se no processo da comunicação social ideológica” (MEDVIÉDEV, 2016, p. 200).

Neste momento, é de extrema importância destacar os dois planos de compreensão do gênero discursivo: (i) seu aspecto de estabilidade. Não chamaremos de e-mail, aquilo que é uma charge, por exemplo, por causa das características específicas do gênero e (ii) o tema do enunciado, que vai além do dito, sendo responsável pela atribuição do sentido. Vejamos a seguir.

3. A POSIÇÃO DE ENUNCIADO

A imagem indica dois homens se beijando, enquanto um deles empunha uma arma e atira em um terceiro. Como dissemos, tal cena pode ser lida de diferentes maneiras, levando-se em consideração os aspectos discursivos e contextos. Observa-se, ao especificar alguns detalhes, como cores e simbologia, que a leitura a ser realizada pode contemplar uma gama de possibilidades que só podem ser alcançadas se analisarmos também o contexto sócio-cultural.

Sigamos então os passos propostos por Sobral e Giacomelli (2016), que nos ajudam a compreender as possíveis relações que conferem ao enunciado a condição de enunciado, e não (apenas) de texto. O enunciado é passível de diversas outras interpretações, o que faz com que a charge não tenha o mesmo sentido específico para todos que a lerem. Ou seja, ele (o enunciado) pode ser considerado como um acontecimento discursivo que permite a interação/ o diálogo entre os sujeitos.

A primeira questão é identificar quais os caminhos possíveis para que o projeto de dizer do artista Alisson Affonso construa os sentidos que propõe para o enunciado. Para isso,

recorremos a Sobral e Giacomelli (2016. P. 1092) quando nos propõem que a Análise Dialógica do Discurso deve dar conta de dois componentes:

a língua e a enunciação-, os seguintes passos: descrever o objeto concreto em termos de sua materialidade lingüística e de suas características enunciativas; analisar as relações estabelecidas entre esses dois planos, o da língua (nível micro) e o da enunciação (nível macro); e, por fim, interpretar que sentidos cria a junção contextual da materialidade e do ato enunciativo. O analista não se coloca na posição do interlocutor, porque não é o interlocutor dos exemplares que analisa. Ele deve, em vez disso, verificar qual é, e como se estabelece no discurso, a relação entre locutores e interlocutores do exemplar analisado com base nos passos de descrição, análise e interpretação.

Em um primeiro momento, por termos como objeto um enunciado não-verbal, buscamos descrever a materialidade do objeto, como sua composição visual, enquadramento, personagens, cores, luzes e demais recursos utilizados. Ao analisar a charge, é necessário interpretar avaliativamente os modos de apresentação de todos os elementos. Cada elemento da imagem dá voz, ou vozes, a outros enunciados, fazendo um recorte de particularidades discursivas da sociedade. A escolha, por parte do autor, de cada elemento, pode transmitir ao leitor algo da história de nossa sociedade.

Na imagem, vemos um casal se beijando, enquanto um dos envolvidos atira contra um terceiro sujeito. O casal é composto por dois homens, indicando ser um casal homoafetivo. Um veste farda, o que indica que é militar. O segundo homem está vestido com calça azul e camiseta verde e amarela, o que sugere, pelas cores e design, ser uma camiseta da seleção brasileira de futebol. O homem vestido com fardamento militar está empunhando uma arma e atirando no terceiro homem, que veste camiseta vermelha e tem os braços erguidos, levando consigo uma bandeira também vermelha. O tiro, que sai da arma, atinge a cabeça do homem de vermelho.

Levando essas informações para o plano discursivo, temos que pô-las em diálogo com o contexto sócio-político vivido pela sociedade brasileira, no qual os interlocutores estão inseridos, realizando assim um recorte temporal e espacial. Alisson Affonso publicou a referida charge em suas redes sociais: Instagram e Facebook. Nessas mídias sociais, ele conta com amigos virtuais que o seguem, seja por o conhecerem pessoalmente, seja por apreciar suas criações, ou ainda pelo compartilhamento de suas valorações, presentes no seu material artístico, que traz temáticas políticas e sociais.

Pensando no atual contexto político brasileiro, temos como presidente um militar reformado que explicita diariamente sua devoção ao militarismo. Seus apoiadores, na grande maioria, também são militares, ou apoiam um regime militar. Nos atos políticos, os simpatizantes desse governo se vestem com as cores da bandeira do Brasil, verde e amarelo, ou com réplicas da camisa da seleção brasileira de futebol. Além disso, o presidente e seus apoiadores são ferrenhos defensores do porte de arma e da ideia de que todo “homem de bem” deve poder portar arma de fogo e utilizá-la quando lhe convém. É interessante notar que, dias antes da publicação dessa charge, o então presidente declarou em uma de suas lives, realizada no dia 17 de junho de 2021, o seguinte discurso:

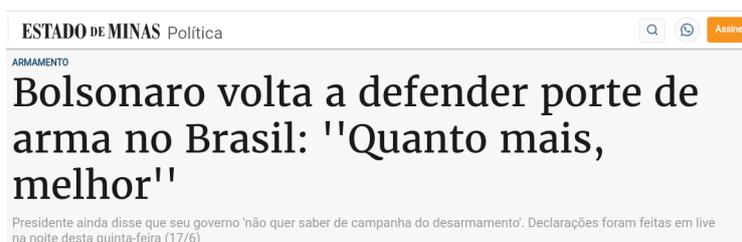


Figura 3 -Recorte enunciativo de Jair Bolsonaro (Brasil).

Fonte: Jornal virtual - Estado de Minas

Em diversos pronunciamentos, o presidente e seus ministros tecem outras declarações que beiram o absurdo, incluindo considerações homofóbicas, entendida por estes como uma doença. Em uma entrevista à revista Playboy (2011) apud Carta Capital (2018), o presidente Jair Bolsonaro afirmou que seria incapaz de amar um filho homossexual: “Para mim é a morte. Digo mais: prefiro que morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo”. Anteriormente havia feito uma declaração no programa Participação Popular, da TV Câmara, que discutia um então projeto de lei para proibir a punição corporal na educação de crianças “O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um couro, ele muda o comportamento dele. Tá certo?”. (2010). Há uma legitimação da violência, do preconceito, com a comunidade LGBTQIA+ por parte do presidente da República.

Um exemplo é a própria campanha política dele, que tinha como símbolo sugerir uma arma com a mão. A licitude para o porte de armas, e o interesse para que os policiais tenham “licença para matar” (Guimarães, 2019, s.p.) também demonstram que o enunciado da charge apresenta relações dialógicas com situações específicas da sociedade brasileira. A charge é uma réplica crítica, no sentido bakhtiniano, à situação política que vivemos. Nesses termos, a charge produz no leitor uma resposta, uma réplica, nunca neutra.

Ainda nesta perspectiva, temos como oposição direta ao governo atual, a esquerda, que é definida pela cor vermelha. Cabe ressaltar que há, por parte dos apoiadores do presidente, uma espécie de confusão frente aos signos: esquerdistas, comunistas, socialistas e petistas ou petralhas são signos entendidos e disseminados de forma igual por parte daqueles que apoiam o governo Bolsonaro; trata-se dos inimigos. E estes denominados vermelhos, que são a oposição político-ideológica direta ao atual governo, são constantemente ameaçados pelo presidente, como podemos observar em uma fala em vídeo transmitida em um telão na Avenida Paulista, em São Paulo, durante uma manifestação de seus apoiadores uma semana antes da votação de 28 de outubro de 2018. Ele disse: “Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora ou vão para a cadeia. Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria” (2018). Também em um ato de campanha no centro de Rio Branco ele proferiu o seguinte discurso, enquanto segurava o tripé de uma câmera de vídeo em posição que simula um fuzil: “Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre. Vou botar esses picaretas para correr do Acre. Já que gosta tanto da Venezuela, essa turma tem que ir para lá” (2018). Esses discursos são aceitos e motivos de aplausos de seus apoiadores.

Assim, ao analisarmos os planos micro (língua) e o macro (discurso), podemos verificar que os protagonistas da cena retratam apoiadores do atual presidente do Brasil, um militar e um “verde e amarelo”, estão atirando em um homem da oposição, um esquerdista. A genialidade do autor é colocar estes, que são apoiadores do presidente e que supostamente não tolerariam um beijo gay, sendo protagonistas, justamente no dia do beijo, e, atirando no rosto de um homem, que veste vermelho e porta uma bandeira de cor vermelha, o que pode representar o grupo opositor do governo que, segundo os bolsonaristas, disseminam a livre orientação sexual. O que se sugere a partir dos discursos do presidente e de seus seguidores como algo intolerável. Temos então a hipocrisia da moral defendida pelos apoiadores do presidente retratada nesta charge: os defensores dessa moral tecida por uma ideologia militar fazem, às escondidas, justamente aquilo que dizem ser abominável para a sociedade conservadora de que são parte, enquanto perseguem e culpam os seus desafetos políticos por uma suposta desordem e práticas contra o que valoram como correto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar ao fim, como se diz no campo bakhtiniano, não significa propriamente concluir. Compreender e interpretar a charge da forma como foi apresentada acima somente se torna possível quando os interlocutores conhecem o atual cenário político-social e foram atravessados pelo discurso apresentado. A AAD considera que a interpretação se dá pela ida ao passado e ao futuro, a toda a experiência dos sujeitos. É possível que, mesmo conhecendo tal cenário, os sentidos se deem de maneiras diversas, justamente pelo fato de termos um sujeito único e singular. As vivências, experiências, valorações, espaços, épocas, bagagens culturais etc. contribuem para a atribuição de um dado sentido ao texto por parte do leitor. É a partir das experiências e da não indiferença de cada indivíduo, que o que é dito pelo chargista toma sentido para eles.

Sobral e Giacomelli (2016) sugerem que devemos “Partir de textos efetivamente produzidos” recolhendo “exemplares reais dos gêneros” (p.1092). Por isso, começamos pela imagem. Não pelo gênero charge. Não compreendida à nossa maneira. Não moldada pelos nossos olhos. Não de forma estática. Olhemos a imagem. Sem medo de julgamentos. Sem temor dos filtros. Sem certo e errado. Criemos sentidos. Ou não. E sigamos. Pois analisar é esgotar. E esgotar (não) é possível. Falamos de dialogismo. De diálogos em sentido amplo. De possibilidades. Daquilo que não nos é dado por inteiro, mas que podemos criar.

Em suma, buscamos verificar como se estabelece, no discurso, em um enunciado real, as relações do locutor com seus interlocutores. É por meio da experiência de mundo, partilhada em alguma medida, de cada indivíduo, do espaço, tempo, do contexto em que estamos inseridos, unidos aos atos de enunciação, que criamos sentidos. Sobral e Giacomelli (2016), nas linhas finais de seu texto, pontuam que: “É a união entre significação e contexto, na enunciação, que cria o sentido dos enunciados”. Os sentidos jamais poderiam nos ser dados. Eles são criados a partir da minha singularidade e das minhas relações com os outros em uma dada situação social e histórica. Olho para o mundo e o vejo, de forma só minha e singular, no contexto das relações sociais nas quais estou envolvido.

Por fim, compreendemos que a charge convoca o interlocutor a buscar dados que lhe permitam entender o que lhe é sugerido. Sendo ela um gênero não somente informativo ou de entretenimento, mas sim um instrumento que permite ao leitor refletir, avaliar e compreender

a partir do seu próprio ponto de vista, de seus valores, aquilo que perpassa a sociedade sob o viés político. Dessa forma, a charge não é um gênero neutro, mas sim um enunciado de criticidade, de significação e de múltiplas interpretações.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Hacia una filosofía del acto ético**: de los borradores y otros escritos. Trad. e notas: Tatiana Bubnova. Barcelona: Anthropos/EDUPR, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Emsantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1997 [1895-1975].

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: teoria do romance**. Tradução: Aurora F. Bernardini. [org]. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010 [1934- 1935].

CARTA CAPITAL. Bolsonaro em 25 frases polêmicas. **Carta Capital**, 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/> Acesso em: 16 jul. 2021.

GUIMARÃES, Juca. Witzel e Bolsonaro deram à polícia “licença para matar”, afirma socióloga. **Brasil de Fato**. 23 set. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/09/23/witzel-e-bolsonaro-deram-a-policia-licenca-para-matar-afirma-sociologa> Acesso em: 15 jul. 2021.

MEDVIÉDEV, Pável. **O método formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica**. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016, p.193-210.

RODRIGUES, Jéssica Nascimento; RANGEL, Mary. **Da linguagem à ideologia**: contribuições bakhtinianas. *Perspectiva*, [S.L.], v. 33, n. 3, p. 1115-1142, 1 abr. 2016. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795x.2015v33n3p1115>.

SOBRAL, Adail. **Gêneros discursivos, posição enunciativa e dilemas da transposição didática**: novas reflexões. *Porto Alegre: Letras de Hoje*, v. 46, n. 1, p. 37-45, jan./mar. 2011.

SOBRAL, A; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v.10, n.3, p.1076-1094, jul./set.2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/33006/18770> Acesso em: 15 jul. 2021.

Dominique de Melo Franco CAMPELO

Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande. Graduada em letras/ português pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atuou como monitora da disciplina de Compreensão e Produção de Texto em Língua Portuguesa (2016.2) e Leitura e Produções de Textos Acadêmicos (2017.1-2017.2), ambas pela UFPE. Foi bolsista de Iniciação Científica do CNPq em que desenvolveu a pesquisa: A linguagem como acontecimento do ser em Bakhtin. Também é membro do grupo de estudos e pesquisas sobre Surdez e Educação de Surdos (GEPES/UFPE) e do grupo de pesquisa: Linguagem, Sociedade, Saúde e Trabalho (CNPQ/UFPE). Concentra-se nos estudos acerca da filosofia da linguagem, no contexto dialógico do discurso e na Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (BNCC-EM).

Mariana Briese da SILVA

Mestra em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) Pós-graduada em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS pela Faculdade Dom Alberto. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Informação e Memória - GEPIM/FURG. Pesquisadora responsável: Marcia Carvalho Rodrigues.

Veridiane da Costa GOMES

Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Graduada em Licenciatura em Letras/ Português e Espanhol pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Integrante do Grupo Núcleo de Estudos Avançados de Linguagens - NEAL (FURG/UFPEL). Membro da Equipe do Projeto de Pesquisa: A Implementação do Trabalho com Gêneros na Escola Básica a partir da Análise Dialógica do Discurso e das Diretrizes da BNCC. Pesquisador Responsável: Adail Sobral. Concentra seus estudos acerca dos discursos alcançados através de fotografias postadas em Redes Sociais, sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso.

Recebido em 11/abril/2023 - Aceito em 09/junho/2023.